

A vida psíquica: seu mecanismo e a constituição do humano enquanto um sujeito psíquico

Psychic life: its mechanism and the constitution of the human as a psychic subject

Mak Alisson Borges de Moraes

Centro Universitário IMEPAC / Universidade de Brasília

Av. Minas Gerais, 1889 - Centro, Araguari - MG, 38444-128

makalisson@hotmail.com

ORCID: [0000-0001-9036-4243](https://orcid.org/0000-0001-9036-4243)

Ileno Izídio da Costa

Universidade de Brasília – UNB

ilenoc@gmail.com

ORCID: [0000-0002-1571-0297](https://orcid.org/0000-0002-1571-0297)

Resumo

O presente estudo tem como objetivo fundamental apresentar uma descrição fenomenológica da vida psíquica, tendo como base as contribuições de Husserl e Edith Stein. Levando em conta a necessidade de constituição de uma psicologia fenomenológica, entende-se que tal empreendimento demanda um rigoroso esclarecimento da vida psíquica. Para isso, utilizou-se uma metodologia qualitativa bibliográfica, por meio da qual foram analisados alguns trechos de obras fundamentais de ambos autores. A investigação debruçou-se primordialmente sob o texto “Causalidade psíquica” (*Psychische Kausalität*) e o segundo tomo de “Ideias Para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia” (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie zweites buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*, 1952). A partir dessa análise, foi possível concluir que a vida psíquica se estabelece como uma realidade anímica e que se constitui através do mecanismo causal regido pela variabilidade da esfera vital e que se regula automaticamente. Esse mecanismo, por sua vez, apresenta diversas direções que irão compor a singularidade do indivíduo psíquico.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia fenomenológica; Vivências psíquicas

Abstract

The present study had as fundamental objective to present a phenomenological description of psychic life, based on the contributions of Husserl and Edith Stein. Taking into account the need to establish a phenomenological psychology, it is understood that such an undertaking demands a rigorous clarification of psychic life. For that, a qualitative bibliographic methodology was used, through which some excerpts of fundamental works by both authors were analyzed. The investigation focused primarily on the text “Psychic causality” (*Psychische Kausalität*) and the second volume of Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie zweites buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*, 1952). From this analysis, it was possible to conclude that psychic life is established as an animistic reality and that it is constituted through the causal mechanism governed by the variability of the vital sphere and which is regulated automatically. This mechanism, in turn, presents several directions that will compose the singularity of the psychic individual.

Keywords: Phenomenology; Phenomenological psychology; Psychic experiences

Introdução

Os problemas enfrentados pela Psicologia nos fins do século XIX ao longo do processo de constituição de sua cientificidade, que resultou na eclosão de uma crise, demarcaram a necessidade de uma reestruturação da ciência psicológica. É diante desse panorama que Husserl (1990), assim como Stein (2005a), empreenderam a fundação de uma nova disciplina: a Psicologia fenomenológica, cuja tarefa é em linhas gerais, fornecer uma autêntica e rigorosa fundamentação à Psicologia científica.

Ante a crise da Psicologia, essa não foi capaz de elucidar com precisão os fenômenos aos quais se propôs a investigar, tais como a percepção, a memória, os afetos, a imaginação, etc. Ao assimilar os prejuízos naturalistas do modelo científico-natural, essa ciência acabou por descuidar do fundamento eidético desses processos, erguendo assim construtos teóricos reducionistas, dado que não abarcam as especificidades desses fenômenos. Por isso, constitui tarefa primordial da Psicologia fenomenológica o estabelecimento de uma base eidética sólida e rigorosa, sob a qual poderá ser instituída uma autêntica ciência da psique.

É nesse sentido que esse estudo tem como proposta fundamental explorar a descrição fenomenológica da vida psíquica a partir das contribuições de Husserl e Stein, buscando desvelar o *eidós* da dimensão psíquica. Entende-se que a instituição de uma psicologia fenomenológica exige uma rigorosa descrição da psique. É importante ressaltar que, tal como apontaram Husserl e Stein, as dimensões antropológicas (corpo, psique e espírito) somente podem ser compreendidas no âmbito da unidade pessoal. A distinção entre as diferentes camadas tem como finalidade buscar um esclarecimento eidético a partir de um rigor metodológico. Contudo, esses diversos estratos se constituem na qualidade de uma unidade indissociável, de maneira que devem ser compreendidos tendo em vista as interações que ocorrem entre eles. Considerando os objetivos e limites desse trabalho, a análise será centrada na investigação da dimensão psíquica. Porém, entende-se que essa é atravessada pela esfera espiritual, atravessamento esse que está contemplado na investigação empreendida por Husserl e Stein.

Para isso, utilizou-se uma metodologia qualitativa bibliográfica, por meio da qual foram analisados alguns trechos de obras fundamentais de ambos autores. A investigação debruçou-se primordialmente sob o texto “Causalidade psíquica” (*Psychische Kausalität*, 1922) e o segundo tomo de “Ideias Para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia” (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie zweites buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*, 1952).

A psique como realidade anímica

Ao tomar como ponto de partida a intuição doadora originária, a análise fenomenológica procura elucidar as bases fundamentais sob as quais os fenômenos estão assentados. O sujeito anímico-real somente pode ser elucidado de forma rigorosa a partir de sua base fenomenológico-transcendental, isto é, o eu - puro. Colocado de outro modo, uma autêntica investigação do eu - real somente é possível a partir do contexto de uma antropologia fenomenológica por meio da qual se desvela eideticamente os diferentes estratos que compõem a unidade da pessoa humana.

Tendo em vista a relação entre o empírico e o transcendental, se estabelece então uma diferença essencial entre o eu entendido na sua pureza e o eu dotado de uma posição empírica no âmbito da atitude natural. Tal como colocado por Husserl (1952/2005, p. 169), “do eu - puro distinguimos, seguindo sempre fielmente o intuitivamente dado, o sujeito anímico real ou a alma, o ser psíquico idêntico”. Apesar da necessidade de uma distinção, alertada pelo próprio fenomenólogo, serão tomados nesse primeiro momento como equivalentes as noções de alma, sujeito anímico-real e ser psíquico.

O sujeito nessa perspectiva é compreendido não como uma esfera absoluta carente de qualidades, mas enquanto um substrato de propriedades reais. O sujeito anímico-real, quer dizer, o ser psíquico, diferentemente do eu-puro, se estabelece na qualidade de uma unidade substancial-real. Todavia, a falta de um esclarecimento fenomenológico-transcendental resultou em uma compreensão vaga a respeito do conceito de psíquico por parte da Psicologia, o que ocasionou diversos problemas epistemológico-metodológicos nesse campo. Logo, a ciência psicológica, dado a falta de clareza acerca de seu objeto, o psíquico, incorreu em um equívoco fundamental: a confusão entre psique e consciência.

A falta de rigor quanto ao conceito de psique aponta a necessidade de uma elucidação, via método fenomenológico, desse construto e consequentemente a instituição de um fundamento fenomenológico para a psicologia. Para isso, conforme clarificou Husserl (1952/2005) e Stein (1922/2005a; 1920/2005b) é necessário precisar a distinção entre o domínio da consciência e da psique, pois somente assim é possível estabelecer de forma rigorosa o domínio ontológico da psicologia.

Considerando essa distinção, tem-se que a consciência refere-se ao domínio do puro vivenciar, enquanto que a psique alude à realidade transcendente manifestada nas vivências reais que constituem o ser psíquico com suas qualidades e estados. A discriminação entre esses dois conceitos esta na base da diferenciação realizada por Husserl (1952/2005; 1911/1965; 1913/2006) entre o campo de investigação da Fenomenologia e a da Psicologia.

Apesar de inicialmente nas suas “Investigações Lógicas” Husserl (1900/1982) ter identificado a Fenomenologia enquanto uma Psicologia descritiva, posteriormente, considerando a distinção feita entre psique e consciência, o fenomenólogo destacou as diferenças entre os campos da Psicologia e da Fenomenologia. Enquanto a primeira tem como tarefa empreender uma investigação da psique, à segunda cabe a análise da consciência no seu sentido transcendental, esclarecendo o processo de constituição da realidade e possibilitando uma fundamentação rigorosa para as ciências. Em síntese, Stein elucidou essa distinção da seguinte forma:

O eu que se encontra em posse dessa qualidade real não deve ser confundido com o eu-puro, com o ponto de irradiação das vivências puras vivenciadas originariamente. Deve ser concebido unicamente como portador de suas qualidades, como uma realidade transcendente, a qual, mediante a manifestação em dados imanentes chega a converter-se em objeto, porém, sem nunca chegar a ser ele mesmo imanente. A esse eu real, a suas qualidades e estados, o designaremos como o psíquico e veremos que a consciência e o psíquico são substancialmente diferentes um do outro: a consciência é o âmbito do vivenciar puro e “consciente”; e o psíquico é o âmbito da realidade transcendente que se manifesta nas vivências e nos conteúdos das vivências (Stein, 1922/2005a, p. 237).

Tomado como uma realidade transcendente, o sujeito anímico apresenta, em contraste com o domínio do eu-puro, qualidades reais que se manifestam em propriedades anímicas, fundando a estrutura pessoal do homem. De modo análogo, assim como a coisa material apresenta propriedades tais como sua extensão, cor, tamanho, forma, dentre outras, o eu anímico-real também exhibe “unidades de manifestações” que compõem as multiplicidades de suas qualidades (Nenon, 1996; Tricarico, 2017).

Compreendido de modo eidético, o transcurso dessas diversas propriedades revela a instituição de uma unidade substancial-real: a realidade anímica. Husserl (1952/2005) definiu o conceito de realidade como a unidade de propriedades permanentes que se referem a circunstâncias pertinentes. Tem-se

com isso a composição de dois domínios distintos de propriedades permanentes que constituem duas esferas de unidades substanciais-reais: de um lado a realidade material e de outro a anímica.

Ambos os domínios ontológicos, compreendidos enquanto realidades, apresentam propriedades permanentes. Porém, considerando suas distinções eidéticas, essas não manifestam o mesmo caráter, de forma que há distinções fundamentais entre as propriedades materiais e anímicas. Apesar de similarmente à coisa material a psique se inserir no tempo objetivo, essa por sua vez não possui uma espacialidade, pois não exibe uma extensão. Consoante ao apontado por Husserl (1952/2005), o anímico, contrariamente à realidade material, não se esquematiza, quer dizer, não se constitui como uma unidade de esquemas espaciais (Lotz, 2006; Sweeney, 2000).

Ante a impossibilidade de uma esquematização, conclui-se por princípio que a realidade anímica não é passível de ser fragmentada, uma vez que não pode ser dividida em elementos parciais por não ser dotada de extensão. Enquanto o corpo é capaz de ser fracionado em diferentes partes, como evidencia a análise anatômica do *Körper*, a psique é nas palavras de Husserl (1952/2005, p. 172) “uma unidade absolutamente infragmentável”. Por conseguinte, a aceção localizacionista do psíquico defendida pela psicologia de cunho reducionista se torna uma impossibilidade essencial. A psique não se encontra em um segmento específico do corpo como o cérebro por exemplo, mas no constante fluir da vida anímica (Ales Bello, 2000b; 2007).

É possível falar de uma espacialidade e/ou localização do psíquico somente no âmbito da sua vinculação com o corpo, visto que na qualidade de algo material ele exibe uma esquematização. A vida anímica acha-se então diluída por toda a unidade substancial- real do corpo e não apenas em um fragmento determinado. Ressalta-se ainda que em face da impossibilidade de uma esquematização espacial a psique, contrariamente à realidade material, não apresenta uma natureza matemática. Por isso, em contraste com a Psicologia científica de sua época, Husserl (1952/2005) destacou a inviabilidade eidética de uma mensuração, quantificação e/ou determinação do psiquismo.

Ademais, se de um lado a coisa material pode manter suas propriedades e estados inalterados, de outro a “coisa anímica”, pelo contrário, não pode conservar-se constante. A vida psíquica se funda como um fluxo contínuo, visto que se encontra em um estado permanente de atividade. A interrupção do fluxo da psique implica no esgotamento da vida anímica. Conforme destacou Husserl (1952/2005, p. 172): “essa mesma (psique) é por isso, uma realidade que constantemente se altera”. O transcorrer da vida anímica não deve, contudo, ser compreendido no sentido causalista tal como preconizado pelo objetivismo científico absorvido pela ciência psicológica. A realidade psíquica, apesar de apresentar uma dependência de circunstâncias, tal como observou Husserl (1952/2005), se estabelece enquanto um fluxo que não é regido por um determinismo causal como as coisas materiais.

Em relação às dependências circunstanciais que compõem a psique, Husserl diferenciou três níveis de estratificação: o psicofísico (ou fisiopsíquico); o idiopsíquico e as relações intersubjetivas. O psicofísico, em linhas gerais, refere-se às circunstâncias corporais/fisiológicas das quais a psique depende. Dito de outro modo, as propriedades anímicas estão circunstanciadas pela natureza material do corpo. É nesse sentido que uma reação psíquica de vergonha, por exemplo, irá se reverberar no corpóreo, desencadeando respostas como taquicardia, contrações involuntárias dos músculos, rubor da face etc. (Husserl, 1952/2005).

O nível idiopsíquico, por sua vez, concerne às dependências circunstanciais da vida anímica com ela mesma, quer dizer, é a maneira como os estímulos externos são recebidos no próprio fluxo psíquico, motivados por diferentes direções intelectivas, volitivas, afetivas, etc. Assim, apesar das reações psicofísicas desencadeadas pela vergonha diante de determinada situação, posso levar minha ação adiante dado a importância significativa que ela representa. Por fim, o fluxo da vida psíquica também é influenciado por circunstâncias intersubjetivas, referentes à relação com outros indivíduos (Goto, 2013; Husserl, 1952/2005).

O mecanismo da psique e a esfera vital

Inspirada por essas análises de cunho antropológico empreendidas por Husserl no Tomo II de “Ideias”, Stein (1922/2005a) desenvolveu uma profícua investigação do ser psíquico, buscando desvelar seu *eidós*. Com isso, procurou estabelecer uma análise fenomenológica da psique. Sendo fiel ao método husserliano, tomou como ponto de partida as vivências (Alfieri, 2014; Ales Bello, 2000a; 2004; 2014a; 2014b; Moran, 2017).

A esfera da psique, entendida enquanto uma realidade transcendente, apresenta uma multiplicidade de estados e qualidades que compõem as propriedades anímicas. Tem-se, desse modo, o que Stein denominou de estados e sentimentos vitais. O primeiro designa a disposição momentânea da dimensão psíquica enquanto o último se refere à consciência desse estado vital, isto é, a sua vivência. Colocado de outro modo, a vivência de determinado estado vital (a sua manifestação na consciência) corresponde ao sentimento vital (Stein, 1922/2005a).

Contudo, nem todos os estados se manifestam em sentimentos vitais. Aquele estado que não chega à consciência não pode denominar-se uma vivência e, por conseguinte, não se institui enquanto um sentimento vital. Tal como Stein assinalou, é possível estar cansado (estado vital) sem que me de conta desse estado. Do mesmo modo, diante de uma excitação intensa, posso não ter ciência do estado em que me encontro. Para exemplificar, pode-se pensar na seguinte situação: ante uma atividade desgastante, uma atividade intelectual por exemplo, apresento um estado de extremo esgotamento. Todavia, posso não me dar conta dele, isto é, não vivenciá-lo, de maneira que esse estado não será vivido enquanto um sentimento vital.

Na análise de Stein (1922/2005a), os sentimentos vitais revelam a unidade substancial-real de uma realidade, a psíquica. Novamente fazendo uma analogia com a matéria, da mesma forma que suas diferentes propriedades manifestam o domínio da realidade material, a diversidade de sentimentos vitais desvela a esfera da realidade psíquica, com seus estados e qualidades. Diante disso, as diferentes condições momentâneas da psique, quer dizer, seus diversos estados, manifestados por meio dos sentimentos vitais, indicam uma qualidade

real permanente, que funda o psiquismo: a força vital. Conforme escreveu a fenomenóloga:

Nos sentimentos vitais, como conteúdos imanentes se manifestam - de maneira semelhante ao que ocorre com os dados estranho ao eu - as condições de uma realidade, seus estados e qualidades. Assim como na sensação de cores a cor de uma coisa se manifesta como um estado óptico momentâneo e nas variações de tais estados se manifesta a qualidade ótica permanente, assim também no sentimento vital se manifesta uma condição momentânea do meu eu - seu estado vital-, e nas modificações de tais condições se manifesta uma qualidade real permanente: a força vital. (Stein, 1922/2005a, p. 237).

A partir desses apontamentos, conclui-se que na acepção de Stein, a realidade psíquica é constituída por uma esfera vital, através da qual se manifestam os estados e sentimentos vitais. As diversas condições dessa vitalidade evidenciam a qualidade real permanente que denominou de força vital, a qual se estabelece enquanto o fundamento de toda a realidade psíquica. O fluxo das vivências psíquicas, portanto, transcorre no âmbito dessa esfera vital (Baseheart; 1997; Queiroz, 2017).

Ao prosseguir em sua análise, Stein percebeu que uma investigação precisa acerca da psique exige um enfrentamento da questão sobre a causalidade psíquica. Em uma perspectiva fenomenológica, se o ponto de partida de uma análise a respeito da dimensão psíquica são as suas vivência, é necessário examinar de que maneira elas ocorrem para que seja possível compreender o processo de constituição do psiquismo.

No contexto do velho embate entre determinismo e indeterminismo, liberdade e necessidade, o problema da causalidade psíquica coloca a questão sobre a possibilidade da vida psíquica do homem estar inserida na “grande conexão causal da natureza”. Tal questionamento está na base da fundação da Psicologia, posto que uma ciência da psique somente se torna possível na medida em que consegue esclarecer o que é o psiquismo (seu objeto de estudo) e qual o caráter da legalidade de seus fenômenos (Stein, 1922/2005a).

Ao investigar esse problema, a filósofa denunciou a falta de clareza quanto ao conceito de psique, o que está na gênese dos diversos problemas e

equivocos epistemológicos enfrentados pela psicologia. Em face dessa imprecisão conceitual, a ciência psicológica não conseguiu delimitar de forma precisa o seu objeto de estudo, o que resultou em uma problemática fragmentação epistemológica. Uma investigação rigorosa acerca da psique é algo imprescindível para uma compreensão adequada do ser humano e também para a fundação de uma autêntica ciência psicológica (Moraes, 2016).

Ao explorar mais profundamente a questão da causalidade psíquica, a fenomenóloga assinalou que para além do domínio do puro vivenciar, as vivências que surgem simultaneamente são afetadas pela esfera vital. Qualquer mudança na vitalidade da dimensão psíquica implica em modificações no transcurso total das vivências simultâneas. Os diferentes sentimentos vitais determinam, pois, alterações correspondentes no fluxo das vivências.

Considerando isso, tem-se que diante de um estado de cansaço todo o fluxo do vivenciar é alterado, visto que houve uma modificação na esfera vital. Estabelece-se então certa apatia que irá estancar o fluxo dessa vitalidade, de modo que as vivências serão afetadas por esse estado. Tal como apontou Stein (1922/2005a), em face desse cansaço, todos os dados que surgem nos diversos campos dos sentidos são alterados, de modo que as cores “perdem” seu brilho, os sons sua tonalidade e as impressões de uma maneira geral são vividas como algo doloroso e desagradável.

De modo análogo, no contexto de uma experiência psicopatológica fica evidente a influência da esfera vital no fluxo das vivências. Por exemplo, ante um estado depressivo, há um bloqueio do fluxo vital, visto que as vivências parecem perder o seu “colorido”. Assim, os dados dos sentidos têm sua vivacidade diminuída sendo que as vivências adquirem um caráter pesaroso e sombrio.

Contudo, ao se alterar o estado momentâneo da esfera vital isso implicará em toda uma nova transformação nas vivências. Ao se passar de um estado de cansaço para um de frescor, as vivências “recuperam” o vigor e vitalidade. As impressões são vivenciadas agora acompanhadas de uma sensação de satisfação e prazer em decorrência do estado vital atual de frescor. Ainda no âmbito da vivência perceptiva, tem-se que no estado de frescor as

impressões são captadas de um modo vivaz, de forma que os sons, as cores e os demais dados dos sentidos são apreendidos com maior intensidade (Stein, 1922/2005a).

É importante ressaltar que Stein identificou o cansaço e o frescor como dois polos extremos da esfera vital e não como os únicos estados identificáveis. A esfera vital se estabelece enquanto um *continuum*, onde cansaço e frescor representam estados que demarcam os polos dessa vitalidade. Há, portanto, entre essa polaridade diversos outros níveis que compõem o *continuum* vital do psiquismo.

A partir de suas análises e reflexões, a filósofa chegou à conclusão de que similarmente a realidade material, o psiquismo apresenta sua própria causalidade e, por conseguinte, é regido por um mecanismo causal. Enquanto no domínio da realidade material tem-se a causalidade mecânica, no âmbito da realidade anímica há uma causalidade psíquica. Entretanto, conforme Husserl (1952/2005) já havia apontado, o material e o anímico são esferas distintas da realidade e exibem diferenças essenciais. Logo, apesar da analogia, ambos os domínios apresentam sua própria legalidade causal.

Compreendida de modo essencial, a causalidade apresenta a seguinte estrutura: um acontecer causante, um acontecer causado e entre esses dois acontecimentos o que se denomina de causa. No âmbito da causalidade mecânica, se um objeto em movimento (acontecer causante) se choca com outro (causa), irá fazer com que esse último seja deslocado (acontecer causado). Porém, de que forma essa estrutura essencial realiza-se na esfera da causalidade psíquica?

Assim como explicitado por Stein (1922/2005a), “as vivências se nutrem da esfera vital e dependem do seu correspondente *modus*”. Isso quer dizer que o mecanismo causal das vivências psíquicas acontece em decorrência das diversas variações da esfera vital. Logo, dentro da estrutura essencial da causalidade tem-se como causa do acontecer psíquico as diferentes alterações da vitalidade. Por sua vez, o acontecer causante e causado correspondem respectivamente aos sentimentos vitais e ao transcurso das vivências. Adotando o exemplo de Stein, diante da passagem de um estado vital de frescor para um de cansaço (causa), o

respectivo sentimento vital (acontecer causante) irá promover toda uma alteração no transcurso das vivências (acontecer causado).

Entretanto, faz-se necessário aqui ressaltar uma primeira distinção entre a causalidade no domínio das vivências (psíquicas) e a causalidade física. Nessa última a causa se intercala entre o acontecer causado e o acontecer causante, sendo que esse pode ocorrer independentemente do desencadeamento ou não do processo causal. Utilizando novamente o exemplo citado, um objeto em movimento (acontecer causante) pode surgir mesmo que não se estabeleça concomitantemente uma causa e um acontecer causado. É possível, portanto, que determinado evento no campo da realidade material aconteça sem gerar efeito algum.

Contudo, o mecanismo causal da psique ocorre de maneira que a causa não se intercala entre o acontecer causado e causante, mas se coloca como condicionante desse. As diferentes variações da esfera vital (causa) condicionam a manifestação de diversos sentimentos vitais (acontecer causante). Como consequência, tem-se que na realidade psíquica é impossível que o acontecer causante ocorra sem produzir determinado efeito, visto que o aparecimento daquele está atrelado à própria causa das vivências. Por isso, em concordância com o que fora assinalado por Husserl (1952/2005), a psique é um fluxo ininterrupto.

Feito esse esclarecimento, é possível agora compreender de modo mais preciso o mecanismo causal da psique. Conforme apontado anteriormente, os diferentes *modus* da esfera vital, manifestados na multiplicidade de estados e sentimentos vitais, revelam a existência de uma qualidade real permanente que constitui o psiquismo: a força vital. Os diversos estados dessa vitalidade dependem então das distintas manifestações da força vital.

Isto significa que as alterações da esfera vital são determinadas pela variabilidade da força vital. Por conseguinte, tem-se que os estados e sentimentos vitais são resultados de um incremento ou subtração dessa força. No estado de cansaço há uma diminuição da força vital enquanto que no frescor há um acréscimo, o que irá determinar o acontecer causal psíquico. A diversidade

das condições da força vital é, portanto, a causa do processo psíquico. Diante disso, Stein explicou que:

O fato de as energias serem fornecidas à força vital ou tiradas dela é a “causa” do processo psíquico; o “efeito” consiste nas mudanças das outras qualidades psíquicas. Não existe uma dependência causal direta entre outras qualidades entre si sem que exista uma mediação da força vital. Por exemplo, a receptividade para as cores não pode ser intensificada nem reduzida pela receptividade para os sons. Porém, ambas podem ser intensificadas conjuntamente por meio de uma intensificação, independente de ambas, da força vital (Stein, 1922/2005a, p. 239).

Retomando a estrutura eidética do processo causal, conclui-se que a causa que condiciona o acontecer causante no âmbito das vivências psíquicas é a força vital, pois são os seus diversos *modus* que determinam a variabilidade da esfera vital. As diferentes condições de tal força condicionam o ritmo e a coloração do ato de vivenciar. É nesse sentido que a diminuição ou o incremento da força vital irá desencadear toda uma alteração nas vivências.

A força vital atua então como mediadora da dependência causal entre as vivências, de maneira que nenhum acontecer psíquico ocorre sem o intermédio dessa qualidade real permanente. Por isso, tal como apontou a fenomenóloga, a receptividade de determinada vivência não pode ser alterada por outro de gênero distinto. As cores não influenciam a receptividade para os sons, assim como esses não determinam a coloração das vivências olfativas e assim por diante (Stein, 1922/2005a).

Contudo, toda a esfera do vivenciar pode ser modificada mediante as alterações da força vital. Ante um incremento dessa força, dado um estado de excitação causado pelo recebimento de uma notícia muito esperada, por exemplo, a receptividade para os demais gêneros de vivências são modificadas de maneira que as cores, os sons e os demais dados sensoriais tem o seu ritmo alterado. É o fluxo da força vital que irá determinar o curso da esfera psíquica. Logo, uma compreensão rigorosa a respeito da constituição do ser psíquico exige uma investigação profunda do papel dessa força no mecanismo causal das vivências psíquicas.

Para isso, é necessário examinar um pouco mais detalhadamente de que forma essa qualidade vital do psiquismo influencia a estrutura das vivências. Até o momento, a causalidade psíquica foi tomada como uma concatenação de vivências, influenciadas causalmente pelos *modus* da força vital. Entretanto, é preciso investigar agora como o fluxo dessa vitalidade condiciona a constituição das vivências em si.

Conforme esclareceu Stein, em toda vivência distingue-se três elementos que constituem seu *eidos*: o conteúdo; a vivência desse conteúdo e a consciência dessa vivência. Em relação ao primeiro, é preciso estabelecer uma distinção fundamental, visto que há duas possibilidades distintas de conteúdos das vivências: aqueles estranhos ao eu (dados não-egóicos) e os referentes ao eu (dados egóicos). Os primeiros correspondem aos conteúdos que se encontram fora do sujeito, como os dados de sensação por exemplo. Uma cor ou um som são nesse sentido conteúdos não-egóicos. Por outro lado, os dados egóicos são os que se situam no polo subjetivo, isto é, no sujeito. Um sentimento de bem-estar, assim como um de cansaço ou excitação se estabelece como conteúdos egóicos (Stein, 1922/2005a).

É indispensável ressaltar, porém, que essa distinção não implica em uma divisão absoluta em que ambos os tipos de conteúdos ocorrem separadamente. Determinados objetos exigem, para uma captação adequada, uma vivência com conteúdo egóico. Esse é o caso, por exemplo, dos objetos valorados. De um lado tem-se o polo objetivo, fora do sujeito, e de outro o elemento subjetivo (valor). Ao perceber um livro em uma estante, se estabelece uma vivência perceptiva cujo conteúdo não pertence ao sujeito, visto que é algo objetivo. Entretanto, ao dar-se conta de que este livro foi um presente de um grande amigo, a vivência será acompanhada por um aspecto subjetivo que diz respeito ao valor atribuído aquele objeto (Stein, 1922/2005a; Crespo, 2018).

Aos diversos conteúdos, egóicos ou não-egóicos, lhes correspondem diferentes vivências. Desse modo, ao viver esses conteúdos tenho sensações, percepções, sinto estados do eu etc. As vivências, por sua vez, apresentam distintos graus de tensão, pois os conteúdos podem ser vividos com maior ou menor intensidade. Posso me voltar de forma mais intensa ante um conteúdo

egóico enquanto determinado conteúdo estranho ao eu pode ser vivido com menor intensidade. Diante de uma tristeza profunda me entrego a ela de tal forma que as demais vivências perdem seu vigor. No entanto, é fundamental que se tenha clareza da distinção entre a intensidade da vivência e do conteúdo. Conforme Stein(1922/2005a) exemplificou, a sensação intensa de uma cor é diferente da de uma cor intensa, do mesmo modo que sentir com intensidade uma dor é distinto de sentir uma dor exacerbada.

Quanto ao terceiro elemento, considera-se que os graus de tensão da vivência indicam diferenças na clareza da consciência. Dito de outro modo, quanto mais elevada a intensidade da vivência tanto maior será a clareza que se tem dela. Considerando a multivocidade do conceito de consciência atribuído por Husserl (1900/1982), essa não deve ser compreendida aqui enquanto a unidade do fluxo de vivências, mas como a percepção interna das vivências psíquicas. Uma vivência bem marcada, por conseguinte, será percebida com mais nitidez, de maneira que a percepção intensa de uma cor possibilitará uma maior consciência dessa vivência.

Considerando esses apontamentos, tem-se que as variações da esfera vital afetam a composição eidética das vivências. Os conteúdos, o vivenciar e a consciência são afetados pela força vital, determinando assim o colorido das vivências. Primordialmente, dos elementos apontados o vivenciar é o que mais sofre influência das condições da esfera vital, de modo que a cada variação da energia vital corresponde um grau específico de tensão da vivência. Diante de um estado de cansaço, no qual a força vital se encontra diminuída, a intensidade da vivência é menor, da mesma forma que essa se eleva ante um estado de frescor. De forma secundária, o conteúdo e a consciência também são afetados pela vitalidade do psiquismo. Quanto mais se incrementa a força vital maior será a clareza e vivacidade da consciência e dos conteúdos das vivências. Conforme escreveu a filósofa:

Parece que entre os componentes indicados da vivência, o vivenciar é o que em primeiro lugar mais é afetado pela condição e mudanças da esfera vital. Sua tensão é menor quando estou cansado e vai

incrementando-se quando aumenta o frescor. Se tivéssemos que lidar com magnitudes medíveis, a cada nível de frescor vital lhe corresponderia um determinado grau de intensidade do vivenciar. Somente de maneira secundária são afetados conjuntamente a consciência e os conteúdos. Conforme se incrementa o frescor, eleva-se também a consciência do vivenciar e igualmente a clareza, a diferenciação ou mais precisamente, “a vitalidade” dos conteúdos (Stein, 1922/2005a, p. 233).

Portanto, além de determinar causalmente a concatenação das vivências, a esfera vital afeta inclusive a própria estrutura das vivências. Em resumo, as diferentes condições da força vital influenciam os elementos constitutivos das vivências, isto é, os conteúdos, o vivenciar e a consciência. Ademais, define também o nexo causal da concatenação das vivências, estabelecendo assim uma causalidade psíquica que fundamenta a dimensão da psique.

Compreendido dessa forma, porém, leva-se em consideração somente um dos pólos do mecanismo da causalidade psíquica. Para um entendimento preciso e abrangente acerca dos nexos causais no âmbito do psiquismo é necessário levar em conta o outro polo desse processo. Assim, se de um lado os diferentes *modus* da força vital condicionam causalmente as vivências, de outro tem-se que as próprias vivências despendem um consumo dessa força, implicando em uma alteração da esfera vital e conseqüentemente do processo causal.

Toda vivência, ou melhor, o estado que ela expressa, envolve certo gasto de força vital. Esse consumo desencadeado pelo próprio vivenciar provoca uma diminuição da vitalidade, modificando a esfera vital de maneira que se torna possível a passagem de um estado de frescor para um de cansaço. Esse polo da causalidade psíquica revela o caráter retroativo ou bilateral, característico de todo processo causal (Stein, 1922/2005a).

Assim como na causalidade material há uma troca de energia, visto que o acontecer causado consome algo do acontecer causante, na causalidade psíquica há também essa retroação. Quando um objeto em movimento se choca com outro, aquele produz como efeito um deslocamento desse. Contudo, dado o

caráter retroativo da causalidade, a colisão provoca uma perda de movimento do primeiro.

Analogamente, na dimensão psíquica a retroação se manifesta em decorrência do consumo de força vital que envolve o ato de vivenciar. Diante de um estado de frescor, as vivências transcorrem com vivacidade e vigor de forma que ao jogar uma partida de xadrez, por exemplo, consigo desenvolver com facilidade as estratégias, detectar as melhores jogadas e prever os ataques do adversário. Porém, as vivências que envolvem o ato de jogar xadrez (percepção, intelecção, afetos etc.) dependem um gasto de vitalidade que irá provocar uma modificação na esfera vital, passando assim do estado de frescor para o de cansaço. Agora, como efeito desse processo, as vivências são tomadas por certo esgotamento e indolência, de modo que a partida irá se desenvolver com dificuldade e prejuízo. Ademais, é importante ressaltar que esse mecanismo retroativo é influenciado pelos estados psíquicos e não os sentimentos vitais, uma vez que esses não demandam gasto de força vital, pois vivenciar determinado estado não despende vitalidade psíquica.

A partir desses apontamentos, concluiu Stein (1922/2005a) que todo o acontecer causal psíquico tem como fundamento as alterações da força vital. De um lado há a transposição dessa força para o ato de vivenciar enquanto de outro isso implica em um consumo da mesma. Portanto, são esses diferentes *modus* da força vital que estabelecem o mecanismo da causalidade psíquica e, por conseguinte, constitui o psiquismo. Nas palavras de Stein:

Todo o acontecer causal psíquico pode conceber-se como uma transposição da força vital à ação atual de vivenciar e como a utilização dessa força por parte da ação atual de vivenciar. Por conseguinte, a força vital e os seus modos ocupam um lugar singularíssimo na constituição da psique (Stein, 1922/2005a, p. 241).

Tendo em vista o mecanismo causal da psique, pode-se levantar o seguinte questionamento: se as diferentes condições da força vital constitui a psique e os seus nexos causais e o ato de vivenciar implica em um consumo dessa vitalidade, o transcorrer da vida psíquica não poderia provocar um

esgotamento total dessa força, acarretando um colapso do psiquismo? Stein (1922/2005a) esclareceu que há determinados dados que são captados “sem esforço”, quer dizer, sem dispêndio de força vital. Dessa maneira, há uma espécie de regulação do mecanismo causal da psique que evita um consumo desnecessário da força vital.

Essa regulação ocorre através da intensificação da receptividade para determinados dados, possibilitando que sejam vivenciados sem esforço. É importante sublinhar que tal receptividade se refere à conexão causal das vivências reais e não ao âmbito do puro vivenciar. A receptividade se manifesta como uma qualidade real da psique que pode ser acentuada e que apresenta o seguinte mecanismo: quando determinada vivência tem sua intensidade ampliada isso demanda inicialmente certo dispêndio de energia vital; contudo, caso essa ampliação se mantenha constante a receptividade para essa vivência será expandida e conseqüentemente ele poderá ocorrer sem que suceda uma alteração da vitalidade psíquica. Conclui-se que quanto mais acentuada é a receptividade, menor será o consumo de força vital envolvido.

A receptividade se estabelece enquanto uma qualidade independente, cindida da esfera vital, visto que através do hábito a recepção para determinados conteúdos pode ser realizada sem a necessidade de consumo da vitalidade. Conforme expôs Stein (1922/2005a), se a força vital é inicialmente direcionada de modo preponderante para conteúdos sonoros, *e.g.*, a habitualidade irá provocar um aumento da receptividade para esses dados, os quais, por fim, serão captados sem esforço.

Outro exemplo que evidencia esse mecanismo da psique é a formação de certas capacidades. Para que seja formada uma capacidade é necessário primeiramente um direcionamento da energia vital, pois demanda algum esforço. Por sua vez, o processo de formação somente se encerra quando a receptividade para essa capacidade se eleva, por meio do hábito, de maneira que ela se realiza sem custo de energia vital. Agora, a capacidade formada se realiza de modo automático, visto que não exige esforço para ser executada (Sberga & Massimi, 2013; Pezzella, 2017).

O desenvolvimento de determinada habilidade, como conduzir um carro, por exemplo, pode ser compreendida dentro dessa estrutura eidética do mecanismo da psique. Nesse sentido, ao pegar um automóvel pela primeira vez o motorista irá utilizar grande quantidade de força vital para realizar as operações necessárias. A vitalidade psíquica será empregada em diversas direções, de maneira que as vivências expenderão grande esforço. Inicialmente o condutor terá dificuldade em dividir sua atenção na diversidade de vivências perceptivas envolvidas (a visão do retrovisor, o barulho dos carros, as placas, as sinalizações do trânsito etc.), podendo passar do estado vital de frescor para de cansaço. Entretanto, com a prática contínua, a receptividade para essa capacidade será aumentada e poderá ser empreendida sem esforço. Com isso, o motorista será capaz de realizar suas atividades de modo espontâneo e fluido, sem gasto da força vital.

Com isso, se estabelece uma espécie de automatismo do psiquismo que possibilita a formação de diversas capacidades sem que isso demande um consumo da esfera vital. Logo, o mecanismo causal da psique se estrutura de maneira que a energia vital expendida em certos conteúdos fica novamente disponível, dado o aumento da receptividade, para que seja direcionada para outros elementos, possibilitando o desenvolvimento de novas capacidades. A partir dessas considerações, depreende-se que a psique é uma esfera passiva que se regula automaticamente.

Colocado de outra maneira, a dimensão psíquica se refere ao que é reativo, isto é, que é vivido sem que o sujeito decida. Esse campo da passividade foi o que Husserl denominou de *hilética* e a definiu, conforme destacou Ales Bello (2015, p.46), como “aquilo que acontece sem ativar uma vontade”, quer dizer, tudo que não envolve uma participação ativa do sujeito (Biceaga, 2010; Dalabeneta, 2017). Um forte estrondo pode causar uma reação psíquica de medo e isso ocorre de forma passiva e automática, sem que o indivíduo delibere. De modo semelhante, se um dado sonoro (uma música, por exemplo) provoca uma sensação de bem-estar, tal estado psíquico ocorre sem que o sujeito participe ativamente. Nos dizeres da filósofa:

A psique - na medida em que utilizamos unicamente a esfera da passividade como fundamento para nossa investigação causal – aparece como um mecanismo que se regula automaticamente; Sua estrutura se adapta a uma série de funções diversas, porém, apresenta uma quantidade limitada de energia impulsora. Quando essa é dirigida somente para uma função, as demais vão eliminando-se espontaneamente. Da energia impulsora depende todo o mecanismo. Para expressar de modo mais claro: não há realidade psíquica sem causalidade. Se a esfera vital e a atividade que emana dela desaparecem, então não existe nenhuma possibilidade de constituição de uma psique com qualidades e estados reais (Stein, 1922/2005a, p.245).

Reiterando as palavras de Stein (1922/2005a. p. 245), “não há realidade psíquica sem causalidade”, quer dizer, a dimensão da psique se constitui através do mecanismo causal regido pela variabilidade da esfera vital. A vida psíquica e a diversidade de seus estados acontecem em decorrência dos diferentes deslocamentos da energia vital, sem os quais não haveria causalidade e conseqüentemente nenhuma atividade da psique. O acontecer causal da dimensão psíquica deve ser ininterrupto e contínuo, dado que uma consciência sem estados e sentimentos vitais não constituiria nenhum indivíduo psíquico.

Em outros termos, se a vida psíquica é uma constante transposição de energia vital em diversas direções, seria inconcebível um psiquismo se não houvesse essa vitalidade. As vivências teriam então um ritmo constante, perdendo sua tensão e colorido. O elemento anímico deixaria de existir, dissolvendo a unidade corpóreo-psíquica. Nesse sentido, um indivíduo sem vida psíquica seria um mero *Körper*, isto é, uma materialidade inanimada.

A constituição do indivíduo psíquico

Diante disso, ao prosseguir em sua análise Stein (1932/2002; 1922/2005a; 1920/2005b) investigou a questão da constituição do indivíduo psíquico. De que forma essa estrutura universal/eidética da psique se singulariza em uma individualidade? Para responder esse questionamento a filósofa analisou a relação entre a esfera vital e a formação das qualidades psíquicas, as

quais irão determinar a tonalidade individual do ser psíquico, constituindo assim o seu caráter, isto é, seu “modo de ser próprio” (Stein, 1932/2002, p. 56).

Consoante ao exposto anteriormente, a psique é constituída por um processo causal regido pelas variações da esfera vital. Logo, a energia vital desempenha um papel fundamental na constituição da psique e conseqüentemente na formação das qualidades que irão instituir a individualidade do ser psíquico. Na análise de Stein (1922/2005a; 1920/2005b), as diversas qualidades psíquicas resultam das inúmeras direções da energia vital, a qual é colocada à disposição e empregada na formação das diferentes propriedades da psique.

É importante ressaltar, contudo, que a formação dessas qualidades obedece ao mecanismo causal da psique. Isso quer dizer que a força vital não pode ser direcionada indiscriminada e indefinidamente em infinitas direções, pois apresenta limitações. Assim, se a vitalidade psíquica está orientada de forma intensa para certas qualidades, ficará temporariamente indisponível, de maneira que as demais terão um investimento menor e por conseguinte, um desenvolvimento secundário. Outras qualidades podem não chegar a serem formadas caso nenhum *quantum* de energia vital seja direcionado a elas.

Tendo em vista o automatismo da psique, a formação das qualidades somente se completa quando a sua receptividade é efetuada sem consumo da esfera vital, possibilitando que certa quantidade de vitalidade fique disponível para ser empregada em outras qualidades. Contudo, uma vez estabelecida a receptividade e formada as qualidades, essas não são permanentes, pois se houver uma desconexão total da esfera vital elas podem ser “atrofiadas”, necessitando de novo investimento de força vital.

De modo análogo, se uma qualidade está super investida, isso prejudicará a formação das demais, sendo que essas somente poderão se desenvolver à custa da força vital direcionada àquela. Portanto, a primeira terá sua intensidade diminuída à medida que as demais se formam. Percebe-se a partir disso o caráter estruturante que a energia vital apresenta no processo de formação das qualidades psíquicas.

Em síntese, Stein (1920/2005b, p.800) explicou que “no curso deste processo a força vital é dirigida para determinada direção, é ‘posta a disposição’ para certas tarefas e nisto consiste a formação das disposições psíquicas”. Uma pessoa comunicativa, nesse sentido, desenvolveu tal qualidade através do direcionamento da vitalidade psíquica para as tarefas comunicacionais. Por seu turno, outras habilidades como a capacidade para calcular, por exemplo, podem se encontrar pouco desenvolvidas, dado a indisponibilidade da esfera vital para elas.

A individualidade psíquica se forma então por meio desses diferentes eflúvios da energia vital, os quais constituem as diversas qualidades que compõe o indivíduo psíquico. Diante dessas considerações, Stein assinalou que ao ser entendida enquanto uma realidade, quer dizer, um ente no mundo, a psique assim como o corpo apresenta o curso de um desenvolvimento. Logo, o ser psíquico não possui todas as suas qualidades atualizadas, de forma que vai desenvolvendo-as ao longo do curso de sua vida (Betschart, 2016; 2017).

Mas, de que maneira acontece esse processo de desenvolvimento da psique? Stein (1932/2002) assinalou que a formação do psiquismo e de suas qualidades ocorre por meio do desenvolvimento de disposições originárias. Somente pode se desenvolver aquilo que já se encontra disposto na psique. A estrutura eidética desse processo impõe dessa forma uma limitação, dado que constitui uma impossibilidade essencial formar-se uma qualidade que não esteja presente em potência.

Exposto de outro modo, a essência coloca um limite à variação contingente das qualidades psíquicas, pois o seu desenvolvimento pode ocorrer apenas dentro das fronteiras da necessidade eidética. Contudo, somente essa disposição originária não é suficiente para que as qualidades psíquicas se desenvolvam, pois também é preciso haver condições favoráveis que possibilitem sua expressão. Desse modo, entende-se que as circunstâncias externas são determinantes para o pleno desenvolvimento das propriedades psíquicas (Stein, 1922/2005a).

De modo análogo à vida orgânica, a psique também precisa de condições externas adequadas para que possa desenvolver suas qualidades. Assim como é

indispensável para o desenvolvimento de uma planta que o solo e o clima estejam em condições favoráveis, a formação da capacidade de leitura, por exemplo, exige igualmente circunstâncias externas que possibilitem a atualização dessa qualidade. Por isso, aquelas capacidades que não encontram um contexto apropriado podem atrofiar-se, não atingindo um desenvolvimento total.

Isto posto, é possível depreender a partir dessas conclusões que o curso do desenvolvimento psíquico apresenta a seguinte estrutura essencial: inicialmente, o direcionamento da energia vital para determinada qualidade cria uma disposição que juntamente com as circunstâncias externas favoráveis permitem o pleno desenvolvimento daquela. Ao atingir o seu ponto máximo, tem-se início um retraimento, isto é, um embotamento dessa capacidade que resulta na sua debilitação. Em síntese, assim explicou a filósofa:

Agora, onde existe uma determinada disposição e a esta se acrescenta “circunstâncias favoráveis”, então tal disposição pode ter seu pleno desdobramento na qualidade desenvolvida. Este pleno desenrolar-se (como em todos os processos de desenvolvimento) corresponde ao ponto máximo. Uma vez que esse tenha atingido o limite, se inicia então uma regressão, uma involução da qualidade, um “entorpecimento” da capacidade. Por certo, as mesmas condições que originaram a ascensão, podem levar ao declínio no curso seguinte. (Assim, por exemplo, a capacidade para desfrutar, adquirida e intensificada por meio da ação de desfrutar, pode pelo “excesso” se tornar embotada ou perder-se completamente) (Stein, 1920/2005b, p. 801).

Portanto, pode-se dizer que o desenvolvimento do ser psíquico se estabelece enquanto um movimento cíclico que apresenta primeiramente uma ascensão, onde as qualidades são formadas por meio da interação entre as disposições originárias e as condições externas e em seguida conhece um declínio, visto que a energia vital vai se consumindo ao longo desse processo (Gómez, 2018). Nesse ponto da análise chega-se a um limite, pois não é possível compreender o humano considerando somente o seu estrato psíquico. É necessário portanto aprofundar a investigação, saindo da esfera passiva da psique para adentrar à dimensão ativa do espírito.

Considerações finais

Levando em conta tal análise acerca da vida psíquica, ressalta-se o caráter passivo dessa dimensão, uma vez que ela se organiza a partir de um mecanismo que se regula automaticamente. A partir desse esclarecimento fenomenológico, concluiu-se que de modo análogo à realidade material, a anímica também é regida por uma causalidade. Contudo, essa possui suas qualidades específicas de sorte que o mecanismo causal psíquico é essencialmente distinto da causalidade no âmbito da matéria.

O acontecer causal da psique se alicerça na esfera vital. Isso quer dizer que os nexos causais acontecem em decorrência das diferentes alterações da vitalidade e é por meio dessa atividade causal que se funda a realidade psíquica. Em outros termos, a vida anímica, seus estados e sentimentos, acontecem a partir de um mecanismo causal pautado na pluralidade de deslocamentos e direções da força vital.

Tais deslocamentos, por sua vez, vão compor as diversas qualidades psíquicas que irão configurar a tonalidade individual do ser psíquico, constituindo assim o seu modo de ser próprio. Tal descrição fenomenológica da vida psíquica se faz fundamental para a fundação de uma psicologia fenomenológica, a qual possibilita estabelecer os alicerces para uma rigorosa investigação da *psique* ao descrever de forma autêntica o eidos da vida psíquica.

Referências

- Ales Bello, A. (2000a). *A Fenomenologia do Ser Humano*. (A. Angonese, Trad.) Bauru: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2000b). Human World - Animal World: An Interpretation of Instinct in Some Late Husserlian Manuscripts. *Analecta Husserliana*, 68, pp. 249-254.
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru: EDUSC.
- Ales Bello, A. (2007). Phenomenological Hyletics: the animal, the human, the divine. In: A.-T. Tymieniecka, *Phenomenology of life from the animal soul*

- to the human mind: The human soul in the creative transformation of the mind* (Vol. 94, pp. 3-10). New York: Springer.
- Ales Bello, A. (2014a). *Edith Stein: a paixão pela verdade*. Curitiba: Juruá.
- Ales Bello, A. (2014b). "Intrapessoal" e "Interpessoal": linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica. In: J. S. (Org.), *Empatia. Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas* (pp. 9-28). São Paulo: Edições Loyola.
- Ales Bello, A. (2015). *Pessoa e Comunidade*. (I. J. Garcia, & M. Mahfoud, Trads.) Belo Horizonte: Artesão.
- Alfieri, F. (2014). *Pessoa Humana e Singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. (C. Tricarico, Trad.) São Paulo: Perspectiva.
- Baseheart, M. C. (1997). *Person In The World* (Vol. 27). New York: Springer.
- Betschart, C. (2016). The Individuality of the Human Person. In: A. Calcagno, *Edith Stein: Women, Social-Political Philosophy, Theology, Metaphysics and Public History* (pp. 73-86). New York: Springer.
- Betschart, C. (2017). Despliegue y Desarrollo de la Individualidad Personal según Edith Stein. *Steiniana* , 1, pp. 97-126.
- Biceaga, V. (2010). *The Concept of Passivity in Husserl's Phenomenology*. New York: Springer.
- Crespo, M. (2018). Sobre el sentimiento de valor en Edith Stein. *Steiniana* , 2 (2), pp. 1 – 21.
- Dalabeneta, E. (2017). A Experiência Antepredicativa em Edmund Husserl e sua REcepção na Filosofia de Edith Stein. *Argumentos* , 18, pp. 48-59.
- Gómez, M. R. (2018). La distinción entre lo psíquico y lo espiritual como clave de una psicología abierta a Dios en Edith Stein y en Viktor Frankl. *Steiniana* , 2, pp. 32 – 59.
- Goto, T. A. (2013). *A Alma como Realidade Psíquica na Fenomenologia*. Acesso em 15 de Outubro de 2018, disponível em Revista Cult: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/a-alma-como-realidade-psiquica-na-fenomenologia/>>

- Husserl, E. (1982). *Investigaciones Lógicas* (Vol. 2). (M. G. Morente, & J. Gaos, Trans.) Madrid: Alianza Editorial. (Trabalho original publicado em 1900)
- Husserl, E. (1965). *Filosofia como ciência de rigor*. (A. Beau, Trad.) Coimbra: Atlântida. (Trabalho original publicado em 1911)
- Husserl, E. (1990). *El artículo de la Encyclopaedia Britannica*. (A. Zirón, Trad.) Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Husserl, E. (2005). *Ideas Relativas a Una Fenomenología Pura y Una Filosofía Fenomenológica Libro Segundo: Investigaciones Fenomenológicas Sobre La Constitución*. (A. Z. Quijano, Trad.) México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1952)
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Lotz, C. (2006). Psyche or Person: Husserl's Phenomenology of Animals. *Interdisziplinäre Perspektiven der Phänomenologie*, pp. 190-202.
- Moraes, M. A. (2016). *O problema mente-corpo na Psicologia Fenomenológica de Edith Stein: implicações para uma fundamentação da ciência psicológica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia.
- Moran, D. (2017). Edith Stein's Encounter with Edmund Husserl and Her Phenomenology of the Person. In: E. Magri, & D. Moran, *Empathy, Sociality, and Personhood: Essays on Edith Stein's Phenomenological Investigations* (Vol. 94, pp. 31-48). New York: Springer.
- Nenon, T. (1996). Husserl's Theory of the Mental. In: T. Nenon, & L. Embree, *Issues In Husserl's Ideas II* (Vol. 24, pp. 223-236). New York: Springer.
- Pezzella, A. M. (2017). La Formazione Della Persona Nella Riflessione Fenomenologica. *Steiniana*, 1, pp. 83-96.
- Queiroz, M. I. (2017). O Percurso Pela Noção de Força em Edith Stein. *Argumentos*, 18, pp. 18-33.

- Sberga, A. A., & Missimi, M. (2013). A Formação da Pessoa em Edith Stein. In: M. Mahfoud, & M. Massimi, *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa* (pp. 167-194). Belo Horizonte: Artesã.
- Stein, E. (2002). *La Estructura de la Persona Humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. (Trabalho original publicado em 1932)
- Stein, E. (2005a). Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu - Estudio Primero Causalidad Psíquica. In: E. Stein, *Obras Completas: Escritos Filosóficos- Etapa Fenomenológica* (C. R. Garrido, & J. L. Bono, Trads., Vol. II, pp. 217-342). Burgos: Editorial Monte Carmelo. (Trabalho original publicado em 1922)
- Stein, E. (2005b). Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu - Estudio Segundo Individuo y Comunidad. In: E. Stein, *Obras Completas II Escritos Filosóficos - Etapa fenomenológica* (J. L. Bono, & C. R. Garrido, Trads., Vol. II, pp. 343 - 522). Burgos: Editorial Monte Carmelo. (Trabalho original publicado em 1920)
- Sweeney, R. D. (2000). Nature and Life in the Later Husserl: Instinct and Passivity. *Analecta Husserliana*, 68, pp. 237-248
- Tricarico, C. F. (2017). O Eu a Partir dos Pensamentos de Edmund Husserl e Edith Stein. *Argumentos*, 18, pp. 34-47.

Recebido em 24.11.2020

Primeira Decisão Editorial em 13.01.2021

Aceito em 19.01.2021